EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA

A REBELIÃO DAS MASSAS

de Ortega y Gasset
(1883 – 1955)

Excertos Selecionados

"A civilização européia - já repeti várias vezes - produziu automaticamente a rebelião das massas. No seu anverso, o fato da rebelião apresenta um aspecto ótimo; já o dissemos: a rebelião das massas é a mesma coisa que é o crescimento fabuloso que a vida humana experimentou em nosso tempo. Mas o reverso do mesmo fenômeno é tremendo; vista desse ângulo, a rebelião das massas é a mesma crise que a desmoralização radical da humanidade"

José Ortega y Gasset em "Quem Manda no Mundo?"

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1
O FATO DAS AGLOMERAÇÕES

1. "... convém, naturalmente, que se evite dar um significado exclusiva ou primariamente político às palavras 'rebelião', 'massas', poderio social', etc". (pág. 35 ou 41)
2. "De repente a multidão tornou-se visível..." (pág. 37 ou 43)
3. "A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massas". (pág. 37 ou 44)
4. "Portanto não se deve entender por massas, nem apenas, nem principalmente, 'as massas operárias'. Massa é o homem médio". (pág. 37 ou 44)
5. "Desse modo converte-se o que era apenas quantidade – a multidão – em uma determinação qualitativa". (pág. 37 ou 44)

6. “Para se formar uma minoria, seja qual for, é preciso que, antes, cada um se separe da multidão por razões *especiais*, relativamente individuais”. (pág. 38 ou 44)
7. “Massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor – bom ou mau – por razões especiais, mas que se sente ‘como todo mundo’ e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais”. (pág. 38 ou 45)
8. “E é indubitável que a divisão social mais radical que deve ser feita na humanidade é dividi-la em duas classes de criaturas: as que exigem muito de si mesmas e se acumulam de dificuldades e deveres, e as que não exigem de si nada de especial, para as quais viver é ser a cada instante o que já são, sem esforço para o aperfeiçoamento de si próprias, bóias que vão à deriva”. (pág. 38 ou 45)
9. “Mas, a rigor, dentro de cada classe social há massa e minoria autêntica”. (pág. 39 ou 45)
10. “Antes, essas atividades especiais (certos prazeres de caráter artístico e luxuoso, ou as funções governamentais e de caráter político relativas aos assuntos públicos) eram exercidas por minorias qualificadas – pelo menos supostamente. A massa não pretendia interferir nelas: percebia que se quisesse interferir teria, logicamente, que adquirir esses dotes especiais e deixar de ser massa. Conhecia seu papel numa saudável dinâmica social”. (pág. 39 ou 46)
11. “A característica do momento é que a alma vulgar, sabendo que é vulgar, tem a coragem de afirmar o direito da vulgaridade e o impõe em toda parte”. (pág. 41 ou 48)

CAPÍTULO 2
A SUBIDA DO NÍVEL HISTÓRICO

12. “... a sociedade humana *é* sempre aristocrática, queira ou não, por sua própria essência, a ponto de ser sociedade na medida em que é aristocrática, e deixar de sê-lo na medida em que se desaristocratiza. Que fique bem entendido que falo da sociedade e não do Estado”. (pág. 44 ou 50)
13. “A aristocracia social não se parece em nada com este grupo reduzidíssimo que pretende assumir exclusivamente para si o nome de ‘sociedade’, que se autodenomina ‘sociedade’ e que vive simplesmente de se convidar ou de não convidar”. (pág. 44 ou 51)
14. “... as massas executam hoje um repertório vital que coincide, em grande parte, com o que antes parecia exclusivamente reservado às minorias; ... ao mesmo tempo, as massas se tornaram indóceis diante das minorias; não as obedecem, não as seguem, não as respeitam, mas, ao contrário, as ignoram e as suplantam”. (pág. 45 ou 52)
15. “... as massas gozam dos prazeres e usam os utensílios inventados pelos grupos especiais, e que antes só estes usufruíam”. (pág. 45 ou 52)
16. “...a vida do homem médio agora é constituída pelo repertório vital que antes caracterizava apenas as minorias culminantes”. (pág. 47 ou 54)

17. “Todo o bem e todo o mal do presente e do futuro imediato têm sua causa e sua origem nesta elevação geral do nível histórico”. (pág. 47 ou 54)

18. “O triunfo das massas e a conseqüente e magnífica ascensão de nível vital aconteceram na Europa por razões internas, depois de dois séculos de educação progressiva das multidões e de um paralelo enriquecimento econômico da sociedade”. (pág. 48 ou 55)

19. “Vivemos uma época de nivelações: nivelam-se as fortunas, nivela-se a cultura entre as diferentes classes sociais, nivelam-se os sexos”. (pág. 49 ou 56)

20. “Portanto, vista deste ângulo, a subversão das massas significa um fabuloso aumento de vitalidade e possibilidades”. (pág. 49 ou 56)

CAPÍTULO 3
A ALTURA DOS TEMPOS

21. “Cada idade histórica manifesta uma sensação diferente ante esse estranho fenômeno da altura vital...”. (pág. 52 ou 58)

22. “... o mais comum tem sido os homens suporem num vago passado tempos melhores, de uma existência mais plena: a ‘idade do ouro’, dizem os educados pela Grécia e Roma; a *Alcheringa*, dizem os selvagens australianos”. (pág. 52 ou 58)

23. “Horácio já havia dito: ‘Nossos pais, piores que nossos avós, nos fizeram ainda mais depravados, e nós teremos uma progênie ainda mais incapaz”. (Odes. Livro III, 6) (pág. 52 ou 59)

24. “Houve pois várias épocas na história que se sentiram como tendo chegado ... ao fim de uma viagem, em que se alcança um anseio antigo e se concretiza uma esperança”. (pág. 53 ou 59/60)

25. “Agora já não sabemos o que poderá acontecer no mundo amanhã, e isso nos regozija secretamente; porque ser imprevisível, ser um horizonte sempre aberto a qualquer possibilidade, é a vida autêntica, a verdadeira plenitude da vida”. (pág. 56 ou 62/63)

26. “... e não percebem que tudo isso é apenas a superfície da história; que a realidade histórica é antes disso e mais profundamente que isso, uma pura ânsia de viver, uma potência parecida com as cósmicas”. (pág. 56 ou 63)

27. “A decadência é, está claro, um conceito comparativo”. (pág. 56 ou 63)

28. “Uma vida que não prefere nenhuma outra antes, de nenhum antes, portanto, que prefere a si mesma, não pode ser chamada de decadente em nenhum sentido sério”. (pág 57 ou 64)

29. “...o homem do presente sente que a sua vida é mais vida que todas as antigas ou, desta maneira inversa, que o passado inteiro se tornou pequeno para a humanidade atual”. (pág. 57 ou 64)

30. “... pelo fato de se sentir mais vida, perdeu todo o respeito, toda a atenção para com o passado”. (pág. 57 ou 65)

31. “Em resumo, qual é altura do nosso tempo?
Não é plenitude dos tempos e, entretanto, sente-se superior a todos os tempos idos e acima de todas as plenitudes já conhecidas”. (pág. 58 ou 65)

Capítulo 4
O Crescimento da Vida

32. “Subitamente esta (a vida) se mundializou de fato; quero dizer com isso que o conteúdo da vida do homem médio de hoje é todo o planeta, que cada indivíduo vive habitualmente todo o mundo”. (pág. 59 ou 67)
33. “Essa proximidade do distante, essa presença do ausente, aumentou numa proporção verdadeiramente fabulosa o horizonte de cada vida”. (pág. 59 ou 67)
34. “Mas, definitivamente, o crescimento substantivo do mundo não consiste em suas dimensões maiores, mas no fato de incluir mais coisas”. (pág. 60 ou 68)
35. “Deduz-se, daí (a atividade de comprar consiste em se decidir por um objeto), que a vida, em seu modo ‘comprar’, consiste primeiramente em viver as possibilidades de compra como tal”. (pág. 61 ou 69)
36. “Nossa vida é a todo o instante, e antes de mais nada, a consciência do que nos é possível”. (pág 61 ou 69)
37. “Toda vida é achar-se dentro da ‘circunstância’ ou do mundo”. (pág. 61 ou 70)
38. “Mundo é o conjunto de nossas possibilidades vitais. Não é, portanto, algo à parte e alheio à nossa vida, mas sua periferia autêntica”. (pág. 61 ou 70)
39. “(O homem) conta com um leque de possibilidades maior que nunca”. (pág 62 ou 70)
40. “Não afirmo que a física de Einstein é mais exata que a de Newton, mas que o homem Einstein é capaz de maior exatidão e liberdade de espírito”. (pág. 63 ou 71/72)
41. “Só há uma decadência absoluta: a que consiste numa vitalidade minguante, e esta só existe quando é sentida”. (pág. 64 ou 73)
42. “Vivemos num tempo que se sente fabulosamente capaz de realizar, mas não sabe o que realizar”. (pág. 64 ou 73)
43. “(Há) estranha dualidade de prepotência e insegurança que se aninha na alma contemporânea”. (pág. 64 ou 73)
44. “Depois de termos analisado o lado favorável do triunfo das massas, é conveniente que desçamos por seu outro lado, mais perigoso”. (pág. 66 ou 75)

Capítulo 5
Um Dado Estatístico

45. “Nossa vida, como conjunto de possibilidades, é magnífica, exuberante, superior a todas as historicamente conhecidas. Mas, pelo próprio fato de seu formato ser maior, transbordou todos os leitos, princípios, normas e ideais legados pela tradição”. (pág. 67 ou 77)
46. “Circunstância e decisão são os dois elementos essenciais de que se compõe a vida”. (pág. 67 ou 77)
47. “Viver é sentir-se *fatalmente* forçado a exercer a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo”. (pág. 68 ou 78)
48. “Portanto é falso dizer que na vida são ‘as circunstâncias que decidem’. Ao contrário: as circunstâncias são o dilema, sempre novo ante o qual temos que nos decidir. Mas quem decide é o nosso caráter”. (pág. 68 ou 78)
49. “O homem-massa é um homem cuja vida carece de projeto, segue à deriva. Por isso nada constrói, embora suas possibilidades, seus poderes, sejam enormes”. (pág 69 ou 79)
50. “De 1800 a 1914, ou seja, em pouco mais de um século, a população européia cresceu de 180 para 460 milhões!” (pág. 69 ou 80)
51. “A América foi feita com o que transbordou da Europa”. (pág. 70 ou 80)
52. “... essa velocidade significa que foram lançadas sobre a história, como um tropel, quantidades e mais quantidades de homens, num ritmo tão acelerado, que não era fácil provê-los com a cultura tradicional”. (pág. 70 ou 81)
53. “... a democracia liberal fundada na criação técnica é o tipo superior de vida pública até agora conhecido”. (pág. 71 ou 82)
54. “... é suicida qualquer retorno a formas de vida inferiores à do século XIX”. (pág 71 ou 82)
55. “Se este tipo humano (o homem-massa) continuar sendo dono da Europa e sendo definitivamente quem decide, bastarão trinta anos para que nosso continente retroceda à barbárie”. (pág. 71 ou 82)
56. “... a rebelião das massas é a mesma coisa que Rathenau chamava de ‘a invasão vertical dos bárbaros’. Eis por que é tão importante se conhecer a fundo este homem-massa, que é pura potência do maior bem e do maior mal”. (pág. 72 ou 83)

Capítulo 6
Começa a Dissecção do Homem-Massa

57. “O homem que tenta se pôr agora à frente da existência européia é muito diferente do que dirigiu o século XIX”. (pág. 73 ou 85)

58. “O homem médio nunca pôde resolver com tanta folga seu problema econômico”. (pág. 74 ou 86)
59. “Não existem os ‘Estados’ nem as ‘castas’. Não há ninguém com privilégios civis. O homem médio aprende que todos os homens são legalmente iguais”. (pág. 75 ou 87)
60. “Três princípios tornaram possível este novo mundo: a democracia liberal, as experiências científicas e o industrialismo. Os dois últimos podem ser resumidos num só: a técnica”. (pág. 75 ou 87)
61. “... seus habitantes (têm) uma segurança inabalável de que amanhã será ainda mais rico, mais perfeito e mais amplo, como se gozasse de um espontâneo e inesgotável crescimento”. (pág. 76 ou 89)
62. “... o homem vulgar, ao se encontrar com este mundo técnico e socialmente tão perfeito, pensa que foi criado pela Natureza, e nunca se lembra dos esforços geniais de indivíduos excepcionais que a sua criação pressupõe”. (pág. 76 ou 89)
63. “Isso nos leva a apontar no diagrama psicológico do homem-massa atual dois primeiros traços: a livre expansão de seus desejos vitais, portanto, de sua pessoa, e a radical ingratidão com tudo o que tornou possível a facilidade de sua existência. Essas duas características compõem a conhecida psicologia da criança mimada”. (pág. 76 ou 89)
64. “Mimar é não limitar os desejos, dar a um ser a impressão de que tudo lhe é permitido, que não é obrigado a nada”. (pág. 77 ou 89)
65. “A própria perfeição com que o século XIX organizou certas esferas da vida é a origem do fato de que as massas beneficiárias não a considerem como organização, mas como natureza. Assim se explica e se define o absurdo estado de ânimo que estas massas revelam: não se preocupam com nada além de seu bem-estar e ao mesmo tempo não são solidárias com as causas deste bem estar”. (pág. 77 ou 90)
66. “Nas agitações provocadas pela escassez as massas populares costumam procurar pão, e o meio que empregam costuma ser o de destruir as padarias”. (pág. 78 ou 91)

CAPÍTULO 7
VIDA NOBRE E VIDA VULGAR, OU ESFORÇO E INÉRCIA

67. “Naturalmente: viver não é mais do que lidar com o mundo”. (pág. 79 ou 93)
68. “Enquanto no passado viver significava para o homem médio encontrar ao redor dificuldades, perigos, escassez, limitações de destino e dependência, o mundo novo aparece como um âmbito de possibilidades praticamente ilimitadas, seguro, onde não se depende de ninguém”. (pág. 79 ou 93)
69. “... o homem que estamos analisando está habituado a não apelar por si mesmo a nenhuma instância fora dele”. (pág. 80 ou 94)

70. “Como as circunstâncias atuais não o obrigam (a apelar para qualquer coisa fora dele), o eterno homem-massa, de acordo com sua índole, deixa de apelar e se sente senhor de sua vida. Já o homem especial ou excelente está constituído por uma íntima necessidade de apelar por si mesmo para uma norma além dele, superior a ele, a cujo serviço se coloca espontaneamente”. (pág. 80 ou 95)
71. “Ao contrário do que se costuma pensar, é a criatura de seleção, e não a massa, que vive em servidão essencial. Sua vida não tem sabor se não está a serviço de algo transcendente”. (pág. 81 ou 95)
72. “Isso é a vida com disciplina – a vida nobre. A nobreza define-se pela exigência, pelas obrigações, não pelos direitos. *Noblesse oblige*”. (pág. 81 ou 95)
73. “Nobre, portanto, equivale a corajoso ou excelente”. (pág. 81 ou 96)
74. “Os chineses, mais lógicos, invertem a ordem de transmissão, e não é o pai quem enobrece o filho, mas é o filho que, ao conseguir a nobreza, a transmite para seus antepassados, fazendo sobressair sua estirpe humilde através do seu esforço”. (pág. 82 ou 96)
75. “Nobreza, para mim, é sinônimo de vida dedicada, sempre disposta a superar a si mesma, a transcender do que já é para o que se propõe como dever e exigência”. (pág. 82 ou 97)
76. “... a alma (do homem-massa) é feita de hermetismo e indocilidade, porque lhes falta, por nascimento, a função de atender ao que está além dela, sejam fatos ou pessoas. Quererão sentir alguém, e não poderão. Querem ouvir, e descobrirão que são surdas”. (pág. 84 ou 98)
77. “... é uma ilusão pensar que o homem médio vigente, por mais que tenha subido seu nível atual em comparação com o de outros tempos, irá poder dirigir, por si mesmo, o processo da civilização”. (pág. 84 ou 99)
78. “Mal pode governá-lo (o processo de civilização) este homem médio que aprendeu a usar muitos aparelhos da civilização, mas que se caracteriza por ignorar a origem dos próprios princípios da civilização”. (pág. 84 ou 99)

CAPÍTULO 8
POR QUE AS MASSAS INTERVÊM EM TUDO E POR QUE SÓ INTERVÊM VIOLENTAMENTE

79. “Sustento que nessa obliteração das almas medíocres consiste a rebeldia das massas que, por sua vez, constitui-se no gigantesco problema de hoje para a humanidade”. (pág. 85 ou 101)
80. “Já sei que muitos dos que me lêem não pensam o mesmo que eu. Isso também é muito natural e confirma o teorema”. (pág. 85 ou 101)
81. “Não é que o vulgo pense que é excepcional e não vulgar, mas sim que o vulgar proclama e impõe o direito da vulgaridade, ou a vulgaridade como um direito”. (pág. 87 ou 103)

82. “Pelo menos na história européia até hoje, o vulgo nunca havia achado que tinha ‘idéias’ sobre as coisas. Tinha crenças, tradições, experiências, provérbios, hábitos mentais, mas não se acreditava possuidor de opiniões teóricas sobre o que as coisas são ou devem ser – por exemplo, sobre política ou sobre literatura. Achava bom ou mal o que o político projetava e fazia, dava ou retirava sua adesão, mas sua atitude resumia-se a repercutir, positiva ou negativamente, a ação criadora dos outros”. (pág. 87 ou 103)
83. “Hoje, ao contrário, o homem médio tem as ‘idéias’ mais taxativas sobre tudo quanto acontece e deve acontecer no universo”. (pág. 87 ou 104)
84. “Não representa um enorme pogresso que as massa tenham ‘idéias’, isto é, que sejam cultas? De modo algum. As ‘idéias’ desse homem médio não são autenticamente idéias, nem sua posse é cultura”. (pág. 88 ou 104)
85. “A idéia é um xeque à verdade. Quem quiser ter idéias precisa antes se dispor a querer a verdade e aceitar as regras do jogo que ela imponha. Não se pode falar de idéias ou opiniões quando não se admite uma instância que as regule, uma série de normas que devem ser usadas nas discussões. Essas normas são os princípios da cultura”. (pág. 88 ou 104)
86. “Se alguém ... não tem interesse em se ajustar à verdade, se não tem a vontade de ser verídico, é intelectualmente um bárbaro”. (pág. 88 ou 104, nota de rodapé)
87. “Ter uma idéia é crer que se possui as razões dela e é, portanto, crer que existe uma razão, um mundo de verdades inteligíveis. Idear, opinar, é a mesma coisa que apelar para essa instância, submeter-se a ela, aceitar o seu código e sua sentença, crer, portanto, que a forma superior de convivência é o diálogo em que se discutem as razões de nossas idéias. Mas o homem-massa sentir-se-ia perdido se aceitasse a discussão e instintivamente rejeita a obrigação de aceitar essa instância suprema que se acha fora dele”. (pág. 89 ou 104)
88. “O hermetismo da alma, que, como já vimos, empurra a massa para que intervenha em toda a vida pública, também a leva, inexoravelmente, a um procedimento único: a ação direta”. (pág. 90 ou 106/107)
89. “A civilização não é outra coisa senão a tentativa de reduzir a força à *ultima ratio*”. (pág. 90 ou 107)
90. “... a ação direta” consiste em inverter a ordem e proclamar a violência como *prima ratio*... É a *Charta Magna* da barbárie. (pág. 90 ou 107)
91. “... em todas as épocas, quando a massa, independentemente do motivo, atuou na vida pública, o fez na forma de ‘ação direta’ ”. (pág. 90 ou 107)
92. “Toda convivência humana vai entrando nesse novo regime em que são suprimidas as instâncias indiretas. No trato social elimina-se a “boa educação”. A literatura, como ‘ação direta’, se constitui no insulto. As relações sexuais reduzem seus trâmites preliminares”. (pág. 91 ou 108)
93. “Civilização é, antes de tudo, vontade de convivência... A barbárie é tendência à dissociação”. (pág. 91 ou 108)

94. “A forma política que representa a maior vontade de convivência é a democracia liberal. Ela leva ao extremo a decisão de levar em conta o próximo e é o protótipo da ‘ação indireta’ “. (pág. 91 ou 108)

95. “O liberalismo é o princípio de direito político segundo o qual o Poder público, mesmo sendo onipotente, se limita a si mesmo, e procura, mesmo à eventual custa de sua existência, deixar lugar no Estado em que ele impera para que possam viver os que nem pensam nem sentem como ele, isto é, da mesma forma que os mais fortes e a maioria”. (pág. 91 ou 108)

CAPÍTULO 9
PRIMITIVISMO E TÉCNICA

96. “É muito importante relembrar que estamos mergulhados na análise de uma situação – a do presente – substancialmente equívoca. Por isso insinuei no princípio que todas as características atuais e, em especial, a rebelião das massas, apresentam dois lados... mas a situação presente é por si própria uma potência bifrontal de triunfo ou de morte”. (pág. 93 ou 111)

97. “A rebelião das massas *pode*, de fato, ser o veículo de uma nova organização da humanidade, ímpar, mas também *pode* ser uma catástrofe no destino humano”. (pág. 93 ou 112)

98. “Tudo, absolutamente tudo é possível na história – tanto o progresso triunfal e infinito quanto a periódica regressão”. (pág. 94 ou 112)

99. “Mas é preciso evitar o maior pecado dos que dirigiram o século XIX: a consciência defeituosa de sua responsabilidade, que fez com que não se mantivessem abertos e vigilantes”. (pág 95 ou 114)

100. “Apoderou-se da direção social um tipo de homem ao qual não interessam os princípios da civilização”. (pág. 96 ou 114)

101. “Naturalmente, interessam-lhes os anestésicos, os automóveis e algumas coisas mais. Mas isto confirma seu radical desinteresse pela civilização”. (pág. 96 ou 114)

102. “Significa que o homem hoje dominante é um primitivo, um *Naturmensch* emergindo no meio de um mundo civilizado. O mundo é civilizado, mas seu habitante não o é: nem sequer vê a civilização nele, mas a utiliza como se fosse natureza”. (pág. 96 ou 115)

103. “O novo homem deseja o automóvel e desfruta dele, mas crê que é o fruto espontâneo de uma árvore do Éden”. (pág. 96 ou 115)

104. “Spengler acredita que a técnica poderá continuar vivendo depois que tiver morrido o interesse pelos princípios da cultura. Não posso acreditar nisso. A técnica é consubstancialmente ciência, e a ciência não existe se não interessa em sua pureza e por ela mesma, e não pode interessar se as pessoas não continuarem entusiasmadas com os princípios gerais da cultura”. (pág. 97 ou 116)

105. “Vive-se com a técnica, mas não *da* técnica”. (pág. 97 ou 116)

106. “Será que se acredita de verdade que enquanto existirem *dollars* existirá ciência?” (pág. 98 ou 117)

107. “... a ciência experimental é um dos produtos mais improváveis da história (Londres, Berlin, Viena e Paris)” (pág. 98 ou 117)

108. “Para mim isso é o mais aterrador: a desproporção entre os benefícios que o homem médio recebe da ciência e a gratidão que lhe dedica - isto é, que não lhe dedica”. (pág. 100 ou 120)

CAPÍTULO 10
PRIMITIVISMO E HISTÓRIA

109. “Mas, em princípio, é possível a existência de povos perenemente primitivos. E existem. Breyssig chamou-os de ‘povos da perpétua aurora’, os que têm permanecido numa alvorada infinita, cristalizada, que não avança para o meio-dia”. (pág. 103 ou 121)

110. “O que quer aproveitar as vantagens das civilizações, mas não se preocupa em sustentar a civilização,... num piscar de olhos, fica sem a civilização”. (pág. 103 ou 121)

111. “O homem-massa acha que a civilização em que nasceu e que usa é tão espontânea e primigênia como a Natureza, e *ipso facto* converte-se em primitivo”. (pág. 104 ou 122)

112. “Dá até desgosto ouvir as pessoas relativamente mais cultas falarem sobre os assuntos mais elementares de hoje. Parecem simples camponeses que, com os dedos calejados e desajeitados, tentam pegar uma agulha sobre a mesa”. (pág. 105 ou 123)

113. “As pessoas mais ‘cultas’ de hoje são de uma ignorância histórica incrível”. (pág. 106 ou 124)

114. “Por isso o *bolchevismo* e o *fascismo*, as duas ‘novas’ propostas políticas que estão surgindo na Europa e arredores, são dois exemplos de regressão substancial”. (pág. 106 ou 125)

115. “O problema não está em ser ou não ser comunista e bolchevista. Não discuto o credo. O que é inconcebível e anacrônico é que um comunista de 1917 se lance numa revolução que é idêntica em sua forma a todas as que já aconteceram antes e na qual não há a menor correção dos defeitos e erros da antiga”. (pág. 106 ou 125)

116. “Ambos – bolchevismo e fascismo – são duas pseudo-alvoradas”. (pág. 108 ou 126)

117. “Toda *anti* não passa de um mero e vazio *não*. Tudo seria muito fácil, se com um *não* puro e simples aniquilássemos o passado. Mas o passado é *revenant* por essência. Se o jogamos fora ele volta irremediavelmente”. (pág 108 ou 127/128)

CAPÍTULO 11
A ÉPOCA DO “SENHORZINHO SATISFEITO”

118. “O homem vulgar, dirigido anteriormente, resolveu governar o mundo”. (pág. 111 ou 129)

119. “Estudando-se a estrutura psicológica deste novo tipo de homem, a partir de seus efeitos na vida pública, encontra-se o seguinte:

1º. Uma impressão inata e radical de que a vida é fácil, superabundante, sem limitações trágicas; portanto, cada indivíduo médio tem em si uma sensação de domínio e triunfo que

2º. leva-o a se auto-afirmar tal como é, a considerar seu haver moral e intelectual como bom e completo. Esse contentamento consigo o induz a se fechar para qualquer instância exterior, a não escutar, a não submeter suas opiniões a julgamento algum e não contar com a existência dos outros. Sua íntima sensação de domínio faz com que exerça constantemente o predomínio. Portanto, agirá como se só ele e seus congêneres existissem no mundo; e, assim,

3º. intervirá em tudo impondo sua opinião vulgar, sem considerações, contemplações ou reservas – isto é, segundo um método de ‘ação direta’ “. (pág. 111 ou 129)

120. “O ataque a fundo tem que ser feito de forma que o homem-massa não se possa precaver contra ele, que o veja diante de si e não suspeite de que aquele, precisamente aquele, é o ataque a fundo”. (pág. 112 ou 131)

121. “Um mundo com possibilidades de sobra (excesso e não abundância) produz, automaticamente, graves deformações e tipos viciados de existência humana - que podem ser reunidos na classificação geral de ‘homem-herdeiro’, da qual o ‘aristocrata’ não é senão um caso particular, e o menino mimado outro, e o homem-massa de nosso tempo um outro muito mais amplo e radical”. (pág. 113 ou 131/132)

122. “(Por outro lado, deveríamos aproveitar mais detalhadamente a alusão anterior ao ‘aristocrata’ para mostrar como muitas de suas atitudes, características em todos os povos e tempos, encontram-se no homem-massa em estado latente. Por exemplo: a propensão a ter como ocupação central de sua vida os jogos e os esportes; o culto do corpo – conservação da saúde e preocupação com a beleza dos trajes; falta de romantismo na relação com a mulher; participar de diversões com o intelectual mas, no fundo, não o estimar e mandar que os lacaios ou os policiais os agridam; preferir a vida sob a autoridade absoluta a um sistema de discussão, etc,etc)”. (pág. 113 ou 132)

123. “A forma mais contraditória da vida humana que pode surgir na vida humana é o ‘senhorzinho satisfeito’ “.(pág. 115 ou 134)

124. “É perfeitamente possível desertar de nosso destino mais autêntico; mas é para ficarmos presos aos patamares inferiores de nosso destino”. (pág 116 ou 135)

125. “O senhorzinho satisfeito” caracteriza-se por ‘saber’ que certas coisas não podem ser e, apesar disso, e por isso mesmo, fingir uma convicção contrária com seus atos e palavras. Porque esta é a tônica da existência do homem-massa: a falta de seriedade, a ‘brincadeira’ ”. (pág. 117 ou 137)

126. “(Os homens-massas) brincam com a tragédia porque acham que a tragédia efetiva não é verossímil no mundo civilizado”. (pág. 118 ou 137)

127. “Assim, no apogeu da civilização mediterrânea – por volta do século III antes de Cristo – surge o cínico. ... O cínico tornou-se um personagem pululante, que se achava em qualquer lugar e a

qualquer hora. Pois bem, o cínico não fazia outra coisa senão sabotar a civilização, aquela civilização. Era o niilista do helenismo”. (pág. 118 ou 138)

CAPÍTULO 12
A BARBÁRIE DA “ESPECIALIZAÇÃO”

128. “Essa civilização do século XIX, com já se disse, pode ser resumida em duas grandes dimensões: democracia liberal e técnica. Tomemos agora apenas a última. A técnica contemporânea nasce da cópula entre o capitalismo e a ciência experimental”. (pág. 121 ou 141)

129. “Nem toda a técnica é científica. Quem fabricou os machados de sílex, no período cheleano, carecia de ciência e, no entanto, criou uma técnica... Só a técnica moderna da Europa tem uma origem científica, e dessa origem vem seu caráter específico, a possibilidade de um progresso ilimitado”. (pág. 121 ou 141)

130. “Para progredir, a ciência necessitava de que os homens de ciência se especializassem. Os homens de ciência, não ela própria. A ciência não é especialista”. (pág. 123 ou143)

131. “...a ciência moderna, raiz e símbolo da civilização atual, acolhe dentro de si o homem intelectualmente médio e lhe permite operar com êxito (por causa da mecanização)”. (pág 124 ou 144)

132. “... antes os homens podiam se dividir, simplesmente, em sábios e ignorantes, em mais ou menos sábios e mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser incluído em nenhuma dessas categorias. Não é um sábio, porque ignora formalmente tudo quanto não faz parte de sua especialidade; mas tampouco é um ignorante, porque é um ‘homem de ciência’ e conhece muito bem sua porciúncula do universo”. (pág. 125 ou 145/146)

133. “Temos que dizer que é um sábio-ignorante, coisa extremamente grave, pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, ,mas com toda a arrogância de quem em seu campo especial é um sábio”. (pág. 125 ou 146)

134. “Quem quiser poderá observar a estupidez com que pensam, julgam e atuam hoje na política, na arte, na religião e nos problemas gerais da vida e do mundo os ‘homens de ciência´’ e é claro que, além deles, médicos, engenheiros, economistas, professores, etc”. (pág 125 ou 146)

135. “O resultado mais imediato desta especialização *não compensada* é que hoje, quando há maior número de ‘homens de ciência’ que nunca, há muitos menos homens ‘cultos’ do que, por exemplo, por volta de 1750”. (pág. 126 ou 147)

CAPÍTULO 13
O MAIOR PERIGO, O ESTADO

136. “Numa boa organização das coisas públicas a massa não atua por si mesma. Essa é a sua missão. Veio ao mundo para ser dirigida, influída, representada, organizada – até para deixar de ser

massa ou, pelo menos, aspirar a isso. Mas não veio ao mundo para fazer tudo isso por si mesma. Precisa nortear sua vida pela instância superior, constituída pelas minorias excelentes". (pág. 127 ou 149)

137. "Pode-se discutir à vontade quais são os homens excelentes; mas que sem eles – sejam uns ou outros – a humanidade não existiria no que tem de mais essencial é um fato do qual não se deve duvidar". (pág. 127 ou 149)

138. "Valeria a pena insistir nesse ponto e ressaltar que a época das monarquias absolutas européias contou com Estados muito fracos. ... Ao contrário do que se pensa, o Estado absoluto respeita instintivamente a sociedade, muito mais que nosso Estado democrático, mais inteligente, mas com menos senso de responsabilidade histórica". (pág 130 ou 153, nota de rodapé)

139. "Por outro lado, o homem-massa vê no Estado um poder anônimo – vulgo-, crê que o Estado é coisa sua. Imaginemos que aconteça qualquer dificuldade, conflito ou problema na vida pública de um país: o homem-massa tenderá a exigir que o Estado o assuma imediatamente, que se encarregue diretamente de resolvê-lo com seus meios gigantescos e incomparáveis". (pág. 131 ou 154)

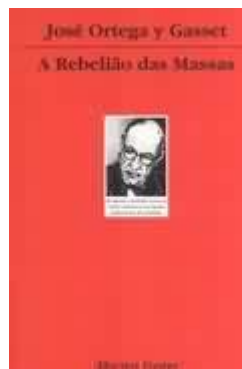
140. "Este é o maior perigo que hoje ameaça a civilização: a estatização da vida, o intervencionismo do Estado, a absorção de toda a espontaneidade social pelo Estado; isto é, a anulação da espontaneidade histórica, que definitivamente sustenta, nutre e impulsiona os destinos humanos". (pág. 131 ou 154)

141. "A espontaneidade social será freqüentemente violentada pela intervenção do Estado; nenhuma semente nova poderá frutificar. A sociedade terá de viver *para* o Estado; o homem, *para* a máquina do governo". (pág. 132 ou 155)

142. "Já no tempo dos Antoninos (século II), o Estado paira como uma supremacia antivital para a sociedade. Esta começa a ser escravizada, a não poder viver senão a *serviço do Estado*. Toda a vida se burocratiza. E o que acontece? A burocracia da vida determina sua míngua absoluta – em todos os campos". (pág. 132 ou 155)

143. "Nota-se qual é o processo paradoxal e trágico do estatismo? A sociedade, para viver melhor, cria, como um utensílio, o Estado. A seguir, o Estado se sobrepõe, e a sociedade tem de começar a viver para o Estado". (pág. 133 ou 156)

144. "Mas é uma ingenuidade das pessoas 'ordeiras' pensar que essas 'forças de ordem pública', criadas para a ordem, irão se contentar sempre em imitar a ordem que aquelas querem. É inevitável que eles acabem por definir e decidir por elas mesmas a ordem que irão impor – e que será, naturalmente, a que lhes convier". (pág 134 ou 157)

(Excertos selecionados por José Monir Nasser da obra "A Rebelião das Massas" de José Ortega y Gasset publicada em 1ª. edição pela Ed. Martins Fontes em agosto de 1987.)

2ª. edição pela Ed. Martins Fontes em maio de 2002).